

Arte rupestre

Hildegard Feist

Formada em Letras pela Universidade de São Paulo, é professora de português, francês e espanhol. Escritora e tradutora, cursou Sociologia de Comunicações na American University em Washington, DC. EUA.

SUPLEMENTO DIDÁTICO

Elaborado por

Eliana Pougy

Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP, professora universitária e assessora da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, é autora de livros didáticos e paradidáticos de Arte. Foi professora de Arte na rede particular de ensino fundamental.

Professor

Neste suplemento você encontrará uma sugestão de projeto pedagógico para desenvolver com alunos do 5º ao 9º anos do Ensino Fundamental. O projeto tem como base o conteúdo do livro estudado. Fica a seu critério aproveitar as atividades para outros projetos, adaptando-as ao perfil de sua turma.

A Editora

POR QUE TRABALHAR COM A COLEÇÃO ARTISTAS ANÔNIMOS?

Esta coleção se distingue por discutir os temas propostos por meio da análise da produção artística de culturas do nosso ou de outros tempos que não valorizam a autoria ou que não deixaram registros sobre a autoria de suas obras de arte.

Não valorizar a autoria pode parecer estranho para nós, frutos de uma civilização que criou o direito autoral e a notoriedade do artista. Entretanto, existiram e ainda existem culturas em que o artista é visto como mais um integrante de uma prática coletiva e comum, geralmente ligada à religião e à vida cotidiana.

Em geral, uma cultura que não valoriza a autoria é uma cultura tradicional, cuja produção artística segue regras estéticas e padrões formais rígidos que passam de geração a geração e que podem durar séculos ou milênios. Nesse sentido, a individualidade e a marca pessoal do artista não são importantes nem são adequadas a essa produção.

Por isso, ao ler os livros da coleção *Artistas Anônimos*, o aluno é levado a refletir sobre os diversos significados que a arte, os artistas e as obras de arte podem ter. Além disso, é levado a compreender que esses significados se relacionam ao contexto cultural, social e econômico em que o artista está inserido.

No livro *Arte rupestre*, os textos e as imagens estão concatenados de modo que o leitor tenha mais informações acerca das descobertas arqueológicas relativas a essa manifestação, ampliando seu repertório cultural de forma significativa. Como sabemos, a ampliação do repertório cultural dos estudantes é o maior objetivo do ensino de Arte. É ela que permite a abertura para o *outro* e para o *diferente*, ressignificando-os e incorporando-os à sua cultura.

SUGESTÃO DE PROJETO PEDAGÓGICO PARA TURMAS DE 5º A 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PINTURAS RUPESTRES

OBJETIVOS

- Fruir objetos culturais por meio da interação com esses objetos e da criação de sentido para eles, para sair do senso comum e dos estereótipos até chegar a uma elaboração do pensamento artístico.
- Pesquisar e saber organizar informações sobre a arte em contato com documentos, reconhecendo e

compreendendo a variedade dos objetos culturais e das concepções estéticas presentes na memória das diferentes culturas.

- Participar de improvisações, buscando ocupar espaços diversificados.
- Criar objetos culturais a partir da ludicidade, da imaginação cultivada, do pensamento artístico e da consciência de valores estéticos, culturais e éticos.
- Produzir objetos culturais selecionando linguagens, tecnologias e técnicas adequadas a diferentes situações expressivas e contextos culturais.
- Expor objetos culturais preocupando-se com o acesso e com a interação com o público.

CONTEÚDOS GERAIS (COM REFERÊNCIA NOS PCNs DE ARTE)

- Diversidade das formas de arte e concepções estéticas da cultura regional, nacional e internacional: produções, reproduções e suas histórias.
- A arte na sociedade, considerando os produtores em arte, as produções e suas formas de documentação, preservação e divulgação em diferentes culturas e momentos históricos.
- Criação e construção de formas plásticas em espaço bidimensional.
- Convivência com produções visuais (em originais e reproduzidas) e suas concepções estéticas nas variadas culturas (regional, nacional e internacional).

CONTEÚDO ESPECÍFICO

- História da arte rupestre
Tema transversal: Pluralidade cultural.
Trabalho interdisciplinar: História e Ciências.

ATIVIDADE PARA ANTES DA LEITURA

CONVERSA INICIAL

Antes da leitura, converse com seus alunos sobre o principal assunto do livro: a importância de se conhecer a arte rupestre.

Você pode começar os trabalhos avaliando o conhecimento prévio de seus alunos em relação à Pré-história. Para tanto, convide-os a participar de uma atividade de **improvisação teatral** com o tema **Vivendo na Pré-história**.

O improviso é um modo de fazer teatro baseado na imaginação e na intuição dos atores. Entretanto, o diretor teatral tem um papel preponderante no improviso: é ele quem ajuda os atores a não perder o “fio da meada” ou aquilo que Viola Spolin chama de *foco* (ver boxe na página 4).

Para tanto, divida a turma em dois grupos: num primeiro momento, um grupo improvisa e o outro é a plateia. Num segundo momento, os grupos trocam de posição.

Durante essa atividade, você será o diretor e dirigirá a turma. É importante focar o **Quem** (homens, mulheres e crianças), o **Onde** (cavernas e/ou florestas) e o **Quando** (Pré-história) das improvisações. Peça que os alunos busquem em seu imaginário como os homens, mulheres e crianças pré-históricos se portavam, se vestiam, se comunicavam etc. e como eram os locais onde os pré-históricos viviam.

Depois das improvisações, lembre-se de pedir que seus alunos registrem aquilo que vivenciaram e escrevam seus protocolos (registros das atividades vivenciadas).

Depois da atividade, lance a seguinte questão para os alunos: será que a arte produzida pelos homens pré-históricos é igual ou diferente da arte feita por nós, contemporâneos? Esse é o momento adequado para convidá-los a ler o livro *Arte rupestre*.

ATIVIDADE PARA DURANTE A LEITURA

Nessa etapa, você pode propor uma leitura comparativa entre duas imagens de pintura rupestre presentes no livro: uma rupestre europeia e outra brasileira.

Para tanto, organize a turma em duplas ou trios. Peça que os grupos respondam às seguintes perguntas e registrem suas respostas em seus cadernos para, depois, socializá-las:

- Descreva o que vocês veem nas duas pinturas.
- Quais são as cores usadas?
- Quais são as formas?
- Existem formas geométricas? Quais? Onde?
- E formas orgânicas?
- As pinturas apresentam textura? Como são essas texturas: lisas, ásperas, macias? Qual textura parece ser mais suave ao toque?
- Quais são as técnicas utilizadas nas pinturas?
- Que sensações/sentimentos essas imagens provocam em vocês?
- Qual é o tema das obras apreciadas?
- Qual é a hipótese dos estudiosos em relação à função da pintura rupestre europeia?
- E em relação à brasileira?

- Quais são as principais semelhanças entre as duas imagens?
- Quais são as principais diferenças entre as duas imagens?

Por fim, enfatize que o que todas essas produções têm em comum é o fato de a identidade do artista não ser valorizada. Explique a eles que, segundo os historiadores e arqueólogos, os artistas da Pré-história faziam parte de rituais de caça e suas pinturas possuíam funções mágicas. Nesse sentido, os artistas pré-históricos tinham um papel muito diferente da função do artista em nossa cultura, ou seja, alguém que precisa ser identificado e original para ser valorizado e ter suas obras comercializadas.

ATIVIDADE PARA DEPOIS DA LEITURA

É depois da leitura que você pode propor uma atividade de fazer artístico!

Como nos informa o livro, as pinturas rupestres eram feitas com pigmentos naturais, como terra, barro, carvão, raízes, sementes, folhas e flores de plantas e pedras. Que tal propor uma atividade de pintura com tintas manufaturadas?

Com a ajuda do professor de Ciências, explique aos alunos que as tintas são formadas por pigmento, aglutinante e solvente. Os pigmentos, que dão a cor às tintas, em geral são encontrados na natureza, como os minerais e as plantas, e são utilizados em pó. O aglutinante é a liga: ele une o pó do pigmento e dá as características da tinta, como o óleo (tinta a óleo), o ovo (tinta têmpera), a água (guache e aquarela) e a resina acrílica (tinta acrílica). O solvente é o líquido que dissolve a tinta: o solvente da tinta a óleo, por exemplo, é a terebintina; o do guache, da têmpera, da acrílica e da aquarela é a água.

Para começar, organize a turma em grupos. Cada grupo ficará responsável pela produção de tinta com um determinado tipo de pigmento:

- Terra
- Carvão
- Raízes
- Sementes
- Folhas
- Flores

Lembre-se: as pinturas feitas com tinta vegetal são frágeis e não podem ficar ao sol.

Para fazer as tintas, organize os grupos no laboratório de Ciências e oriente os estudantes a seguir este passo a passo:

- Tinta de terra

Com a ajuda de uma peneira e de uma colher, deixar a terra uniforme e sem pedras. Juntar água e cola branca até conseguir uma tinta uniforme e pastosa.

- Tinta de carvão

Com a ajuda de um pilão, moer pequenos pedaços de carvão até conseguir um pó. Com a ajuda de uma peneira e de uma colher, deixar o pó uniforme e sem pedras. Juntar água e cola branca até conseguir uma tinta uniforme e pastosa.

- Tinta de raízes

Bater a raiz (cenoura e/ou beterraba) no liquidificador com um pouco de água até conseguir uma pasta uniforme. Juntar cola branca até conseguir uma tinta uniforme e pastosa.

- Tinta de sementes

Colocar a semente (urucum, café, açafrão) num pote e acrescentar álcool. Depois que o álcool adquirir uma tonalidade forte, retirar a semente e usar a tinta. Pode-se fazer tinta com sementes em pó, pois elas também são vendidas dessa forma. Para fazer tinta com semente em pó, misturar água e cola branca ao pó.

- Tinta de folhas

Bater as folhas (espinafre) no liquidificador com um pouco de água até conseguir uma pasta uniforme. Juntar cola branca até conseguir uma tinta uniforme e pastosa.

- Tinta de flores

Bater as pétalas das flores no liquidificador com um pouco de água até conseguir uma pasta uniforme. Juntar cola branca até conseguir uma tinta uniforme e pastosa.

Depois que as tintas estiverem prontas, convide seus alunos a produzir uma pintura coletiva usando as tintas feitas por eles e pincéis de vários tamanhos e formas, rolinhos e esponjas. Para tanto, forre uma ou duas paredes do ateliê de Arte (depende do número de alunos de sua turma) com papel Kraft e proponha uma pintura inspirada nas imagens do livro *Arte rupestre*.

Lembre-se de forrar o chão com jornal e fornecer potes com água e trapos para a limpeza de pincéis e mãos.

Depois das pinturas prontas, convide as outras turmas da escola para apreciar as obras realizadas pela classe!

Boa exposição!

AValiação

A avaliação desse trabalho pode ser feita durante todo o processo:

- Antes da leitura, por meio da avaliação diagnóstica relativa à improvisação teatral realizada pela turma.
- Durante a leitura, por meio da avaliação da leitura comparativa de imagens realizada pelos estudantes.
- Depois da leitura, por meio da produção das tintas e das pinturas coletivas.

OS JOGOS TEATRAIS DE VIOLA SPOLIN

A norte-americana Viola Spolin foi uma das maiores professoras de teatro do século XX. Sua maior contribuição para o ensino de teatro foi a sistematização dos **jogos teatrais**, na década de 1940, nos Estados Unidos. Eles surgiram de seu trabalho recreativo com imigrantes que não tinham o domínio da língua inglesa e, posteriormente, passaram a ser utilizados também com atores profissionais. Esse contexto original explica por que muitos dos jogos propostos não utilizam a palavra falada e enfatizam a comunicação corporal.

Spolin propõe que os jogos sejam realizados a partir de três procedimentos:

- Instrução do jogo: dada por um orientador em diálogo com os jogadores que estão na área de jogo;
- Foco: problema a ser resolvido cenicamente pelos atores/improvisadores;
- Avaliação: realizada por todo o grupo, inclusive a plateia, que nos jogos possui um papel ativo.

Os jogos teatrais chegaram ao Brasil em 1984, com a tradução do livro *Improvisação para o teatro*, feita por Ingrid Koudela e Eduardo Amós. A pesquisadora Ingrid Koudela acrescentou aos jogos o **protocolo** ou o instrumento de avaliação estética e pedagógica de uma sessão de trabalho com jogos que tem por base a matriz de Brecht.

O protocolo consiste num registro de cada encontro por um ou mais jogadores de uma sessão de trabalho. Esse registro pode ser feito em forma de prosa ou poesia e em geral revela o aspecto sensorial que é emergente nos jogos teatrais. No encontro posterior, o enunciado é apreciado por todos. O hábito de fabricar protocolos e de discuti-los tem permitido um aprofundamento sobre o fazer teatral.

BIBLIOGRAFIA

Arte-educação

- ARGAN, G. C. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BARBOSA, A. M. *Arte-educação: conflitos/acertos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.
- _____. *A imagem do ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo/Porto Alegre: Perspectiva/Fundação lochpe, 1981.
- _____. *Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BRITO, Vanderley de. "O mistério da Pedra do Ingá", www.arqueologiamericana.com.br.
- CLOTTES, Jean. "A arte mágica da era glacial: caverna Chauvet", *National Geographic* n. 16, agosto de 2001, pp. 60-77.
- DEROSE. "A caverna de Altamira", www.uni-yoga.org.
- FEIST, Hildegard. *Pequena viagem pelo mundo da arte*. São Paulo: Moderna, 2. ed. 2003.
- _____. *Pequena viagem pelo mundo da pintura*. São Paulo: Moderna, 2005.
- GOMBRICH, E. H. *Arte e ilusão*. São Paulo: Edusp, 1992.
- IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- JANSON, H. W. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____ & DORA Jane. *The Story of Painting*. Nova York: Harry N. Abrams, Inc., 1977.
- MARTINS, M. C. et alii. *Didática do ensino da arte: a língua do mundo – Poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.
- PARSONS, M. J. *Compreender a arte*. Lisboa: Presença, 1992.
- PISCHEL, Gina. *Histoire mondiale de l'art*. Milão: Arnoldo Mondadori (edição francesa: Solar), 1976.
- RIBEIRO, Ronaldo. "O enigma iluminado", *National Geographic*, n. 23, março de 2002, pp. 10-11.
- _____. "O quebra-cabeça da pré-história", *National Geographic*, n. 8, dezembro de 2000, pp. 105-109.
- RODRIGUES, Rosicler Martins. *O homem na pré-história*. São Paulo: Moderna, 1994.
- ROSSI, M. H. W. A compreensão das imagens da arte. *Arte & Educação em Revista*, Porto Alegre: UFRGS/lochpe, 1: 27-35, out. 1995.
- SÃO PAULO (SP). SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA. *Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Artes*. Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/DOT, 2007.
- TIRAPELI, Percival. *Arte indígena. Do pré-colonial à contemporaneidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

Dicionários

- DICIONÁRIO DA PINTURA MODERNA. São Paulo: Hemus, 1981.
- DICIONÁRIO OXFORD DE ARTE. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MARCONDES, Luis Fernando (org.). *Dicionário de termos artísticos*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1988.
- READ, Herbert (org.). *Dicionário da arte e dos artistas*. Lisboa: Edições 70, 1989.

Enciclopédia

- ENCICLOPÉDIA DOS MUSEUS. Museu de Arte de São Paulo. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

